

TÍTULO

A devoção de Nossa Senhora das Dores na Basílica dos Congregados - de Braga para o mundo

AUTOR

Rui Ferreira [Ponto Braguez]

EDIÇÃO

Irmadade de Nossa Senhora das Dores e Santa Ana dos Congregados

GRAFISMO: Ana Amorim

FOTOGRAFIAS de Ana Pinheiro e Ana Amorim

Tiragem: 500 exemplares

IMPRESSÃO Empresa Gráfica do Diário do Minho

ISBN 978-989-33-3575-8

DEPÓSITO LEGAL

BRAGA, Julho de 2022



Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.

Mt 5, 14-16



Nota de abertura

A Irmandade de Nossa Senhora das Dores e Santa Ana dos Congregados tem vindo, nos últimos seis anos, a publicar e a impulsionar a publicação de um conjunto de obras, quer de índole espiritual, como “As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz”, em 2019 e 2022, quer de ordem histórica, como é o caso do livro “O desenho da Capela de Nossa Senhora da Aparecida”. A chegarem brevemente ao prelo, assim esperamos, estão mais duas obras, uma sobre a música nos Congregados, e uma outra que será uma edição fac-similada e crítica das “Memórias da Congregação do Oratório de Braga”. A presente obra, *“A devoção de Nossa Senhora das Dores na Basílica dos Congregados. De Braga para o mundo”*, que o leitor tem entre mãos, é certamente a mais significativa e o corolário deste conjunto de obras, por ser aquela que, numa síntese histórica que vai desde a origem da Congregação do Oratório em Braga, à criação da Irmandade, até à devoção e propagação da devoção à Nossa Senhora das Dores sob o impulso do Pe. Martinho Pereira, melhor exprime a alma dos Congregados.

Em boa hora, a Irmandade – motivada pelo seu atual reitor, o Pe. Paulo Terroso e pelo seu primeiro reitor (1961-1968), o Cónego Manuel Fernando Sousa e Silva, que, em e-mail de 10 de agosto de 2020, dirigindo-se ao atual reitor questionava-o: “Quando é que a Irmandade de Nossa Senhora das Dores convida um bom historiador para fazer a história dos Congregados em Braga?” – encomendou ao Doutor Rui Ferreira a produção de um livro sobre a história da devoção à Nossa Senhora das Dores nos Congregados. Os objetivos do trabalho pedido pela Irmandade foram devidamente definidos com o autor, a saber: compreender o historial, a espiritualidade e evolução do culto às Dores de Maria na Igreja. Perceber a fundação, restauração e evolução da Irmandade, bem como o seu impacto na comunidade. Perceber a relevância do Padre Martinho Pereira na instituição da devoção de Nossa Senhora das

Dores. Expor o papel decisivo da Irmandade de Nossa Senhora das Dores na propagação da devoção na Arquidiocese de Braga, Portugal e territórios ultramarinos. Levantamento da forma, preparação e peculiaridades da Festa de Nossa Senhora das Dores ao longo do tempo.

No nosso entendimento, o Doutor Rui Ferreira não só cumpriu rigorosamente o que lhe foi pedido, como superou com mestria e excelência o seu trabalho de investigação que agora está disponível para fruição de todos.

No primeiro capítulo destacamos a fundação da Congregação do Oratório em Roma, por Felipe Néri, no ano de 1575, a presença dos Oratorianos em Portugal e a sua chegada à cidade de Braga no ano de 1686 por iniciativa do Cónego João de Meira Carrilho, até à construção da igreja e do edifício dos Congregados.

O segundo capítulo, todo ele dedicado à devoção de Nossa Senhora das Dores, aborda-se o culto, a festa, a devoção, a instituição da Irmandade, o papel incontornável do seu fundador e apóstolo da devoção à Senhora das Dores, o Pe. Martinho Pereira, e de duas figuras incontornáveis da história da Irmandade e dos Congregados no séc. XX, o Comendador Nogueira da Silva e de D. Jorge Ortiga, Arcebispo Emérito de Braga, e que foi reitor da Basílica de 1973 a 1988.

No terceiro e último capítulo, o Doutor Rui Ferreira explica como se deu a propagação da devoção de Nossa Senhora das Dores em Portugal e no mundo. Assim, ficamos a saber que a maior festividade religiosa do concelho de Monção, a festa em honra de Nossa Senhora das Dores se deve ao apostolado do Pe. Martinho Pereira. E em Ponte Lima o orago das principais festividades da comunidade, vulgarmente conhecidas como Feiras Novas, é também a Senhora das Dores, tendo sido esta devoção presumivelmente instituída também pelo fundador da Irmandade bracarense, o Pe. Martinho Pereira. Do mesmo modo, na Póvoa de Varzim, o culto de Nossa Senhora das Dores que conta com uma das procissões mais grandiosas do país, se deve a este apóstolo mariano, que, a partir dos Congregados, irradiou para todo país a devoção à *Mater Dolorosa*.

A Irmandade de Nossa Senhora das Dores e Santa Ana dos Congregados lê e entende a história dos Congregados naquela perspetiva hermenêutica que o São Papa VI tão bela e inspiradamente soube exprimir nestas palavras: “as pegadas da passagem de Cristo pela história dos homens”. É n’Ele e por Ele, e para que todos possam ser encontrados por Ele, Jesus Cristo, que nos lançamos neste impulso editorial.

A partir desta luz hermenêutica, de memória e coração agradecidos, quer publicamente louvar a vida do Pe. Martinho Pereira, verdadeiro apóstolo Mariano, agradecer e honrar a memória do Comendador Nogueira da Silva, o maior benfeitor da história dos Congregados, reconhecer e homenagear o mais ilustre e marcante reitor dos Congregados, o Arcebispo Emérito de Braga, D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga.

A Irmandade de Nossa Senhora das Dores e dos Congregados agradece ao benfeitor e irmão José Manuel Fernandes que custeou integralmente a investigação e produção deste livro.

Braga, 26 de julho de 2022

**A Irmandade de Nossa Senhora das Dores
e Santa Ana dos Congregados**

Prefácio

As minhas primeiras aulas na Faculdade de História Eclesiástica da Universidade Gregoriana, em Roma, expressaram um pensamento que conservei em todos os meus estudos e posteriormente como professor e intérprete do passado da Igreja e da sociedade. Já na Antiguidade, Hipócrates sublinhava o verdadeiro significado da história: *"Praeterita dicere, praesentia nocere, futura predicere, oportet"*. É conveniente falar do passado, conhecer o presente, falar antecipadamente do futuro.

Conhecer o passado deve ser, por isso mesmo, uma janela para encarar o futuro através duma ciência do presente como luz orientadora. Não esqueço, também, quando séculos mais tarde, Soren Kierkegaard referiu. "A vida só pode ser compreendida, olhando para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para a frente". A história não é mero conhecimento. Dela emana muita luz.

Parece que a cultura hodierna quer esquecer o passado. Importa viver o imediato, com tudo o que nos oferece, esquecendo as raízes e as perspetivas do futuro. Trata-se duma experiência quotidiana que afeta a sociedade civil e a Igreja. Pessoalmente considero um erro que trará consequências negativas para qualidade de vida das pessoas e das instituições. A história nunca pode ser esquecida e deve tornar-se ajuda silenciosa para reinterpretar um presente que seja de esperança para todos.

Tenho um grande prazer em escrever o prefácio desta obra que pretende dar a conhecer a história da emblemática Basílica dos Congregados. Não se trata de conhecer uma cronologia que foi dando a este templo diferentes fisionomias. O autor, com cuidado no estudo das fontes e uma grande capacidade de síntese, consegue um trabalho muito rico de informações. Podemos constatar uma densidade de dados e elementos históricos que nunca poderão ficar consignados ao mundo do pensamento. Há uma lição que importa extrair com grande utilidade e atualidade para a Igreja em Braga e, nela, para a sociedade civil.

Para mim, pessoalmente, significa reviver momentos marcantes da minha vida sacerdotal. Aí vivi os momentos mais significativos do meu ministério. Devo confessar que nunca procurei interpretar um programa pastoral segundo os meus critérios e opiniões. Evidentemente que não deixei de dar o meu cunho pessoal. Acontece, porém, que na diversidade dos momentos e das circunstâncias históricas havia sempre uma ideia que ia galvanizando as iniciativas. A história do passado ia-se tornando atual pois assumida como luz para novos desafios. Era algo escondido mas sempre presente. Aí se viveu, assim o entendo hoje, uma grande fidelidade ao passado, mas com alguma coragem criativa que marcou a comunidade durante alguns anos.

A história da devoção a Nossa Senhora das Dores, num carácter fundacional ligada a este templo, ultrapassou os limites duma igreja e chegou aos quatro cantos do mundo português de então. Ao ler este percurso, que Rui Ferreira comunica com mestria de historiador cuidadoso, poderá e deverá avivar-se esta devoção interpretando-a genuinamente. Numa Igreja a caminhar com o povo possuído por muitas interrogações e perplexidades a luz da ressurreição a faz acreditar na esperança, mas, sobretudo, na responsabilidade de, juntos, construirmos um mundo de fraternidade universal. As solenidade das festas da padroeira não terminavam na sexta-feira que antecedia o domingo da paixão. Só ficavam completas no retirar das setas, sinal das dores da humanidade, como modo de expressar o verdadeiro sentido da ressurreição. A morte é vencida em Cristo e Maria convida os cristãos a experimentar a alegria num outro momento festivo.

Seja-me permitido partilhar quanto fui revivendo através da leitura desta história. A Igreja tem passado por muitos momentos de crise. Houve horas em que muitos pensavam que, como tantos outros impérios que foram desaparecendo ao longo dos séculos, também a Igreja teria os dias contados. Só que a sua força vinha-lhe de outro lado. As contingências humanas pareciam assegurar o fim. A força da fé recomeçava novas aventuras características dos tempos de crises. Estas poderiam ser graves, mas eram passageiras. Nova luz surgia com horizontes novos a responder a problemas diferentes. O Espírito acabava sempre por apontar para a reforma mais adequada e "obrigar" a percorrer caminhos novos quando os homens, mesmo e sobretudo os repre-

sentantes da Igreja, teimavam em insistir no contra-testemunho que desmotivava os crentes.

O século XVI marcou um desses momentos. Era urgente uma reforma. Institucionalmente a Igreja respondeu com o Concílio de Trento. Aí encontramos apaixonados pela essa reforma. Podemos recordar, entre muitos outros, o nosso S. Bartolomeu dos Mártires. Surgiram documentos indicativos de novos caminhos a percorrer. Importava interpretar a reforma passando para o terreno quanto aí havia sido discernido. Foram muitos os homens e mulheres que intuíram carismas novos. Entre outros, encontramos Santo Inácio de Loiola, com a fundação dos Jesuítas, dando vida a uma nova Congregação, que olhava prioritariamente para a formação daqueles que poderiam dirigir a Igreja e sociedade. Aparece, também, São Filipe de Néri, que se concentra mais no povo, fundando uma Congregação, chamada dos Oratorianos. Em Braga é fundado o Colégio de São Paulo, com um nível mais académico e, um século mais tarde, o Colégio dos Oratorianos, com uma preocupação pela formação humana através da catequese e dos sacramentos. Os diversos momentos por que foi passando esta presença oratoriana são descritos dum modo muito pormenorizado e compreensível pelo autor. Quero sublinhar um pormenor como algo que sintetiza este carisma e mostra o significado do trabalho que estes padres fizeram em Braga: "Os pecadores à conversão; os convertidos à perfeição". Este era o programa reformador destes padres, em Braga e no mundo.

Quando o Papa Francisco convida a Igreja para uma "reforma urgente e inadiável", parte sempre dum pressuposto. Não está em questão uma operação cosmética. Importa dar prioridade ao "coração da mensagem de Jesus Cristo". Quando a pregação é fiel ao Evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que pregação moral cristã não é uma moral estoica - é mais do que uma ascese - não é uma mera filosofia prática, nem um catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos" (E.G. 39).

No tempo de S. Filipe de Néri, e hoje, a pastoral será sempre um convite à conversão e um apelo à perfeição, no amor a Deus e ao serviço aos

outros e ao mundo. Antes de qualquer programa pastoral, importa insistir na espiritualidade, pois só ela faz compreender os caminhos a seguir dando a coragem necessária para ultrapassar as dificuldades inerentes ao itinerário de renovação. Este é o grande desafio lançado pela pregação dos Oratorianos: os crentes devem caminhar para a perfeição e todos devem trabalhar pela conversão dos que não acreditam.

Por outro lado, as grandes tarefas exigem referências. Para o cristão, Maria emerge como o dever ser em todas as situações. As dores humanas foram assumidas por ela como sintoma dos problemas a que urgia responder. As dores, porém, não eram o fim. A fidelidade ao projeto de Deus retirava todos as espadas e fazia com que elas fossem antecâmara e anúncio duma alegria inconfundível e incompreensível para muitos. Nem a dor conseguiu destruir a vontade de colaborar com a morte redentora do Filho. Caminhar nas pegadas de Maria exige que a esperança nunca desapareça. Tudo vence o amor.

À luz destas considerações devemos interpretar a história da Basílica dos Congregados. Uma comunidade de sacerdotes, apaixonados por um carisma reformador da Igreja, trabalhando na conversão das pessoas através dum apelo à perfeição. A comunidade foi mais tarde substituída por uma Irmandade por eles mesmos idealizada. Muitos se associaram como irmãos. As obras materiais foram-se consolidando até aos dias de hoje. Muitos desafios e contrariedades surgiram. Porém, mantendo sempre o mesmo ideal: como Maria não temer a cruz, mas oferecer um amor oblato a Deus e à sociedade.

As festas, momentos altos da vida da Irmandade, mostravam as dores de Maria nos rostos sofredores da humanidade e sublinhavam que as cruzes devem ser removidas para que Maria não seja só a Senhora das Dores, mas, sobretudo, a Senhora dos Prazeres ou da Alegria.

A cidade de Braga necessita dum templo que testemunhe esta grande certeza. Daqui partiu para o mundo uma devoção. Hoje algo idêntico deverá acontecer. São muitos aqueles que procuram esta Basílica para rezar ou visitar. Aí encontram, se assim o quiserem, o suporte duma comunidade que sempre trabalhou pela reforma inadiável da Igreja. Basta recordar as últimas

obras que marcaram este espírito. Hoje poderá não dizer muito. Para mim significam e mostram o primeiro exemplo de restauro efetuado durante o Concílio Vaticano II. Testemunha-o o altar voltado para o povo. Foi o primeiro caso, entre nós. Havia pressa em concretizar o Concílio. Esta preocupação deve perdurar.

Que esta história da devoção a Nossa Senhora das Dores, com etapas diferenciadas, historicamente descritas pelo autor, nos faça viver o presente carregado por muitos desafios. O suceder destes momentos, sabiamente articulados entre si, permite uma leitura de fácil compreensão fazendo com que não fiquemos na simples curiosidade histórica, mas nos deixemos questionar pelo passado. As pedras podem falar, a corresponsabilidade da Irmandade pode suscitar mais empenho, a generosidade de tantos benfeitores pode estimular a partilha. Daqui voltará a ecoar um amor a Maria para a edificação duma Igreja renovada e dum mundo a acreditar no amor de uma mãe que é de todos e de gerar uma família que acredita na unidade e na comunhão de todos. Trata-se duma Igreja a caminhar com todos e sinodalmente em atitude de saída, para estar onde a vida não é vida. O amor a Maria celebra-se na Basílica. O compromisso na construção duma sociedade mais justa e fraterna acontece nos contextos existenciais, onde a dor continua à espera de corações sensíveis que aí derramem o óleo da consolação e da alegria.

A Basílica dos Congregados deve ser sentinela das dores humanas e lançar a mensagem para que as mesmas se transformem em alegria. A leitura da presente obra não pode deixar-nos indiferentes.

Braga, 19 de junho de 2022

D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga

Arcebispo Emérito de Braga



Agradecimentos

*"A gratidão confia no passado
e o amor no presente."*

C. S. Lewis

Quando, entre 1997 e 2003, passei a frequentar a eucaristia das 10h30 na Basílica dos Congregados, jamais imaginaria a missão que me seria confiada quase duas décadas depois. Nem sempre me era consolador o confronto com aquela imagem sofrida da mãe de Jesus, de quem o olhar não conseguia fugir a cada domingo, refulgindo entre o dourado do seu retábulo mais proeminente.

Quem frequenta este templo encontra-se, de imediato, persuadido da particular relevância da devoção a Nossa Senhora das Dores, padroeira principal da Irmandade e sede da sua maior celebração anual, no entanto, certamente não é capaz de vislumbrar a sua preponderância na disseminação deste culto mariano em todo o mundo português.

Quando realizava o meu doutoramento versando a Semana Santa de Braga, sedento de referências bibliográficas, encontrei-me com o padre Martinho Pereira, professo setecentista da Congregação do Oratório de Braga, através da sua "Coleção Sacro Dolorosa". O livro que, providencialmente, encontrei num alfarrabista em Viana do Castelo, fez-me perceber a magnitude desta devoção instituída no antigo templo dos oratorianos.

No momento para evocar a gratidão, o mais significativo agradecimento vai para a Irmandade de Nossa Senhora das Dores e Santa Ana, nomeadamente aos seus corpos gerentes. A gratidão maior dirige-se, todavia, ao Padre Paulo Terroso pela confiança depositada em mim, e no neófito Ponto Braguez, num tempo de significativas mudanças no meu percurso de vida. Muito obrigado!

Este agradecimento estende-se particularmente à, sempre solícita e diligente, Maria da Graça, inestimável coadjuvante das minhas inquirições no Arquivo da Irmandade, e também a Joaquim Pereira, pelo valioso testemunho sobre as mudanças impressas no templo durante o grande ciclo de obras.

Agradeço igualmente ao Museu Nogueira da Silva, nomeadamente ao seu diretor, Miguel Bandeira Duarte, e à sua técnica-superior, Helena Trindade, pelo auxílio prestado nas informações sobre o Comendador António Augusto Nogueira da Silva.

A minha gratidão estende-se também ao José Filipe Silva, pelo seu auxílio no concernente ao desenvolvimento da devoção a Nossa Senhora das Dores na Póvoa de Varzim, e também ao Miguel Ramos, pelas diligências que empreendeu para descobrir o rasto do filme das Festas de Nossa Senhora das Dores em 1960.

Não posso terminar sem deixar uma sublinhada palavra de especial estima à minha amiga Ana Amorim, por, mais uma vez, tornar vivo um trabalho cheio de frases e sumários, concedendo alma a um inerte documento de texto.

Termino desejando que este livro sirva, não apenas para relevar o papel desta Irmandade na propagação do culto de Nossa Senhora das Dores, bem como a sua relevância no âmbito da religiosidade cristã, mas principalmente para que seja devidamente evocado o seu fundador e mentor, o Padre Martinho Pereira.

Braga, 5 de julho de 2022

Rui Ferreira

Sumário

Nota de Abertura 7

Prefácio 10

Agradecimentos 16

Os Congregados de Braga e o culto das Dores de Maria 23

OS CONGREGADOS

A Congregação do Oratório 31

 Os oratorianos em Portugal 33

A Congregação do Oratório na cidade de Braga 36

 Os primeiros congregados 38

 O edifício do Oratório 41

 Segunda fase de construção 46

 O interior do templo 51

 Capela de Nossa Senhora Aparecida 57

 A interdição pombalina entre 1769 e 1777 60

 A demolição da Capela de Santana 61

 A Extinção das Ordens Religiosas 63

 O grande ciclo de obras no período 1958-1966 65

 Elevação a Basílica 81

 Capelães e Reitores 83

UMA IRMANDADE

O culto de Nossa Senhora das Dores 91

 Junto à cruz lacrimosa 91

 A Senhora das Sete Espadas 96

A Irmandade de Nossa Senhora das Dores 102

 A instituição oficial 102

 O fundador: padre Martinho Pereira 104

 A refundação da Irmandade 105

 Os Irmãos 108

 Juizes-Presidentes 113

A benemerência do Comendador Nogueira da Silva 117

 O maior benemérito da Irmandade 119

 A Festa de Nossa Senhora das Dores 127

 Um sonho por concretizar 130

A imagem de Nossa Senhora das Dores 132

 A escultura 132

 António Pinto de Araújo: o escultor 135

 um avultado enxoval 135

 O retábulo de Nossa Senhora das Dores 138

 O Cordeiro Místico 148

A Festa de Nossa Senhora das Dores 151

 A coroação de Nossa Senhora das Dores 156

 Orçamentos e despesas 159

 Armação do templo 161

 O Sermão e os Pregadores 164

 A Música 169

Procissões 175

 A primeira procissão 177

 Uma procissão de desagravo até Lamações 180

 A Procissão do Enterro do Senhor de 1870 181

 A grande procissão de 1957 184

 O convite rejeitado na Semana Santa de 1960 189

Cronologia 191

DE BRAGA PARA O MUNDO

Propagação da devoção de Nossa Senhora das Dores em Portugal 197

 A “Collecção Sacro-Dolorosa” 203

 A influência do culto pelo Padre Martinho Pereira 204

 A difusão do culto pelo Padre Martinho Pereira 207

 Na Arquidiocese de Braga 208

De Nossa Senhora das Dores a Nossa Senhora das Alegrias 231

Bibliografia 235

Siglas

ACB	Associação Comercial de Braga
ADB	Arquivo Distrital de Braga – Universidade do Minho
ADM	Arquivo do Diário do Minho
AINSDC	Arquivo da Irmandade de Nossa Senhora das Dores dos Congregados
AMB	Arquivo Municipal de Braga
BND	Biblioteca Nacional Digital
BPB	Biblioteca Pública de Braga – Universidade do Minho
CMB	Câmara Municipal de Braga
CSB	Comissão da Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga
DGEMN	Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DGEMN	Direção Geral do Património Cultural
GNR	Guarda Nacional Republicana
IHAC	Instituto de História e Arte Cristãs da Arquidiocese de Braga
INIC	Instituto Nacional de Investigação Científica
IPPC	Instituto Português do Património Cultural
SC	Constituição conciliar <i>Sacrosanctum Concilium</i> sobre a sagrada liturgia
UCP	Universidade Católica Portuguesa
UM	Universidade do Minho

«Todas as irmandades das Dores têm optimamente
desempenhado o fim para que foram erectas; mas
nenhuma, nem neste Reino, nem ainda no de Castela, se
tem em tão pouco tempo propagado, como a que fundou
na Igreja da Congregação do Oratório de Braga um dos
seus padres.»

Padre Martinho Pereira

Os Congregados de Braga e o culto das Dores de Maria

A devoção a Nossa Senhora das Dores afirma-se atualmente como um dos mais populares cultos no âmbito do devocionário da Paixão de Cristo. A presença de esculturas da Mãe Dolorosa, de rosto pesaroso e lacrimajante, com sete espadas a trespassar-lhe o peito, é especialmente frequente em muitos lugares da Cristandade, sobretudo onde a religiosidade assumiu a sua veneração.

O desenvolvimento de um ideário devocional em torno da figura de Maria ao pé da Cruz a partir do final da Idade Média teve óbvios reflexos na espiritualidade e arte cristãs posteriores. Missão secularmente assumida pela Ordem dos Servos de Maria, a propagação desta devoção conheceria um singular desenvolvimento a partir do século XVII, momento em que o Papa Urbano VIII oficializou o culto de Nossa Senhora das Dores e o confiou particularmente aos Servitas.

Trazida para Portugal por uma rainha da dinastia de Habsburgo, pese alguns sintomas prévios, a evocação das Dores de Maria encontrou na cidade de Braga o seu empório devocional, partindo da especial inspiração de um devoto sacerdote oratoriano, o Padre Martinho Pereira. Após os primeiros indícios revelados no decorrer século XVI, a cidade de Braga tornar-se-ia num cenário preferencial para o enraizamento da devoção que busca inspiração nas dores e comoções de Maria junto ao Calvário.

A Irmandade de Nossa Senhora das Dores, sediada no templo dos padres congregados desde 1761, terá sido o mais importante epicentro desta devoção mariana no nosso país. Por isso mesmo, a imagem das sete espadas, que contemplamos atualmente no mais sublinhado retábulo da Basílica dos Congregados, não é simplesmente mais uma evidência do enraizamento deste culto no nosso país, mas foi, em si mesma, a inspiração para a sua intensa difusão por todo o território da, então vasta, Arquidiocese de Braga, mas nas demais dioceses portuguesas e nos territórios ultramarinos, nos quais estava presente a Congregação do Oratório.

Incansável missionário das Dores de Maria, inspirado pelo modelo coevo do padre Ângelo de Siqueira, que tão proficientemente propagou a devoção a Nossa Senhora da Lapa em todo o norte de Portugal, o padre